
MIÉ, FABIÁN. *Lenguaje, conocimiento y realidad en la teoría de las ideas de Platón, Investigaciones sobre los Diálogos medios*. Córdoba: Ediciones del Copista, 2004. ISBN: 987-563-042-X.

Fabián Mié propõe uma reavaliação da filosofia platônica, não aceitando a figura histórica do platonismo, associada a uma suposta metafísica dos dois mundos, que separa os âmbitos do sensível e do inteligível. Seu posicionamento crítico lhe permite revelar uma série de contribuições teóricas, desenvolvidas nos *Diálogos*, associando-as a estudos recentes, particularmente, ao realismo metafísico, à semântica realista e à teoria referencialista do significado. Seu escopo repousa em um acurado diálogo entre as proposituras platônicas e as correntes contemporâneas de análise, especificamente a filosofia analítica. Fabián Mié se opõe, previamente, à hermenêutica evolutiva dos *Diálogos*, segundo a qual Platão realizaria nos diálogos finais uma reavaliação da teoria canônica das Formas. A crítica de Mié concernente a essa leitura evolutiva, que propõe uma mudança de paradigma entre os diálogos intermediários e os finais, recupera a interpretação de Hans Krämer, conspícuo autor da escola de Tübingen, para quem cada diálogo exporia um momento preciso do estado da questão, refletido na posição dos

interlocutores. Platão não se mostra expressamente comprometido com nenhuma palavra pronunciada nos *Diálogos*, pois sua estratégia é expor um estado da questão em cada diálogo por intermédio de todos os interlocutores envolvidos, não expressando necessariamente o nível da compreensão do autor em torno dos problemas discriminados. As aporias dos primeiros diálogos assim como a incapacidade epistêmica socrática em face da questão da forma do Bem representariam limites reais descobertos por Sócrates para a resolução de um problema, não revelando as concepções do próprio autor. Interpretar Platão não consiste na perspectiva adotada pela hermenêutica de Friedrich Schleiermacher, segundo a qual a interpretação de uma obra deveria privilegiar as intenções de seu autor. A forma literária adotada por Platão constituiria antes, para Mié, o meio efetivo para proteger a classe do conhecimento filosófico de uma ilícita e capciosa crença na possibilidade de sua apropriação pela difusão por escrito de formulações posicionais, revelando-nos a cara filiação de Fabián Mié à leitura esoterista dos *Diálogos*, cujos conspícuos representantes são Konrad Gaiser e Hans Krämer. A escrita deve obedecer a critérios que regem a prática discursiva, correlatos ao respeito à verdade, à defesa de uma possível refutação e ao reconhecimento da sujeição da escrita sensível à oralidade inteligível. Os *Diálogos* imitam

a prática viva e animada do discurso oral. Ler Platão requer uma completa transformação e reformulação dos critérios e comportamentos práticos por parte do leitor.

Fabián Mié afirma que sua intenção é explicitar alguns aspectos dialéticos da hipótese das idéias, mostrando que a semântica e a epistemologia da referida hipótese são consistentes com uma série de teses dialéticas desenvolvidas nos diálogos finais, precipuamente, o *Sofista* e *Filebo*, recusando, assim, a hermenêutica evolutiva dos *Diálogos*. O primeiro livro concernente aos diálogos chamados intermediários se divide em duas seções que se interconectam, dedicando o primeiro capítulo à explicação da concepção dialética da hipótese das idéias em *Fédon* e *República* V-VI-VII. Na segunda seção, Mié privilegia o *Teeteto* e o *Crátilo* a fim de formular uma teoria platônica da linguagem, mediante uma *mimesis* lingüística, consoante à sua ontologia. Para Mié, o fundamento platônico do apriorismo busca resolver o impasse entre uma concepção idealista do conhecimento, para a qual o objeto é antes definido pela representação subjetiva, e uma realista, para a qual toda representação subjetiva está condicionada ao objeto empírico. A hipótese das idéias, minudenciada na segunda navegação do *Fédon*, atesta a condição de toda inteligibilidade e determinação dos objetos, já que Platão estabelece a validade objetiva das

idéias por meio da teoria da anamnese, pela anuência de que o aprendizado é sempre reminiscência. O refúgio, então, nos *lógoi* (*Fédon* 99e), pelo qual a alma ascende à verdade dos entes, revela um dado objetivo, porquanto Platão assume a linguagem como sendo o *lógos* das idéias. A apreensão cognitiva de algo se realiza quando se instaura a sua estrutura de identidade e diferença por meio do *lógos*, quando a definição de algo expressa a unidade das múltiplas formas mediante as suas relações plurívocas, delimitando uma compreensão das formas pelo emprego do *lógos*. Fabián Mié acentua que as distintas modalidades de conhecimento das entidades, pensamento (*diánoia*), percepção sensível (*aisthésis*), imaginação (*phantasia*) e opinião (*dóxa*), asseguram o acesso à estrutura do que é conhecido, representando etapas do mesmo processo de verificação epistêmica, efetuado pela *psýche*, de modo que a percepção não pode ser entendida apenas como um dado sensorial apartado do percurso epistêmico, como um ato separado do mecanismo cognitivo, mas como sua parte integrante. A segunda navegação (*Fédon* 99d) e a fuga para os *lógoi* não implica renunciar às causas dos processos físicos, sendo sobretudo uma mudança de estratégia em relação à insuficiente investigação empírica pré-socrática, adstrita, para Mié, apenas à causa material do processo fenomênico. A linguagem adquire, na concepção de

Fabián Mié, relevância para escapar justamente do caráter metabólico da multiplicidade aparente, propugnada pelo pré-socratismo. As idéias seriam, de acordo com o nexa lógico-ontológico, o correlato semântico da linguagem, possibilitando condições de racionalidade e de determinação das coisas. A lógica platônica das idéias se constitui como uma teoria específica do *lógos* do ente, que não surge de uma explicação do conhecimento pelo modelo da percepção, mas pelo esclarecimento das operações dialéticas efetuadas com as idéias, pelo desvelamento de uma gramática filosófica, haja vista que o real se manifesta como tessitura de formas, donde a congeneridade entre as artes dialética, gramatical e musical. Operar hipoteticamente com as idéias, para Mié, significa examinar as suas causas e as suas consequências, determinando a identidade de cada *eidos* singular pelas suas combinações positivas e negativas. A operação hipotética supõe que as idéias conformam um sistema de regras correlato à teoria de predicação. O *Fédon* anteciparia os resultados obtidos no *Sofista*, pois aquele diálogo intermediário assegura a possibilidade de articular a uniformidade do *eidos* em relações ideais, uma vez que a unidade de cada idéia envolve uma multiplicidade e que essa estrutura de unidade e multiplicidade está implicada no conteúdo específico de cada idéia, donde a conexão e a exclusão, implicação e não implicação,

entre idéias são o fundamento platônico da *epistême*. No *Crátilo*, trata-se de pôr em questão a possibilidade ontológica do *lógos*. Platão defende no *Crátilo* uma *mímesis* linguística, baseada não em uma teoria ultra-realista, postulada pelo personagem homônimo, que não admite haver nomes falsos devido à equiparação entre o objeto proposicional e o objeto real, mas uma *mímesis* fundamentada, para Fabián Mié, em uma função simbólica da linguagem, em uma ortologia de nomes. A tese naturalista de *Crátilo* é fruto de uma concepção da relação entre linguagem e realidade, formulada pelo modelo representativo pictórico, por meio do qual a representação correta reproduz, mediante signos lingüísticos, a materialidade e a ordem dos objetos representados. Segundo Mié, o reconhecimento das idéias como autênticos correlatos ontológicos da linguagem permitiria a Platão distinguir e separar os objetos, formulando um novo conceito de nome e representação linguística que não necessita nem excluir a falsidade nem o convencionalismo sígnico para que os nomes possam cumprir as suas funções específicas. Platão inaugura, assim, o espaço do simbolismo que domina a relação pensamento/ linguagem/ realidade. A função simbólica da linguagem, em oposição à base referencialista, para a qual a concepção figurativa assegura a aspiração representativa da linguagem, se institui nas Formas, pensadas como estruturas dos ob-

jetos sensíveis, cujos nomes representam significados. A verdade do ente reside em seu caráter de ser idêntico, em sua mesmidade. A verdade da linguagem consiste, por conseguinte, em enunciar algo como é (*hos esti*), em articular linguisticamente a sua mesmidade.

No capítulo dedicado ao *Teeteto*, Mié reitera as linhas fundamentais de sua tese, referentes à crítica de uma metafísica dos dois mundos. Não se trata de cindir os âmbitos da *dóxa* e da *epistémé*, reportando-os a objetos distintos de conhecimento, mas de pensá-los como modalidades distintas de conhecimento de um mesmo objeto. A avaliação da função doxástica no *Teeteto* aprofundaria, para Mié, o entendimento platônico, discernido nos diálogos médios, em torno dos processos de conhecimento. O caráter aporético do *Teeteto* pode ser compreendido em perfeita consonância, defende o autor, com a exposição dos diálogos médios sobre a relação entre *dóxa* e *epistémé*. A referida relação não propõe a distinção entre duas formas de conhecimento correlatas a dois mundos separados, mas entre dois modos de compreensão referentes à mesma realidade. A esfera doxástica, por causa de sua natureza intermediária entre o ser puro e o não-ser absoluto, é congênere ao olvido. A *dóxa*, defende Mié, como o olvido podem ser compreendidos como uma impotência da alma, uma enfermidade, caracterizada, pois, pela

incapacidade em face ao ser real. Mié afirma que a metáfora platônica do modelo-cópia não pode ser tradicionalmente interpretada como oposição entre *mundus sensibilis* – *mundus intelligibilis* segundo o contexto da metafísica de dois níveis. Retomando *loci classici* tanto do *Mênnon*, sobre a *epistémé* como *aiτίας logismos*, pois o raciocínio da causa se constitui como o liame das opiniões verdadeiras a fim de estabelecer a ciência, quanto da *República*, sobre a homologia entre a *dóxa* e a vida onírica e entre a *epistémé* e a vida desperta, Mié mostra a continuidade entre as propostas dos diálogos médios e do *Teeteto*.

Adverso ao modelo fenomenalista da percepção sensível, o *Teeteto* defende a explicação categorial da percepção, por meio da qual as formas são pensadas como correlatos epistêmicos proposicionais. Deste modo, há a crítica do fenomenalismo protagoreano, pois esse desconhece o liame entre os conteúdos perceptivos e seus correspondentes ideais. Os fenômenos perceptivos se apresentam como fenômenos anímicos e mentais, porque a mente efetua a coordenação dos dados sensoriais, ordenando-os, de acordo com suas categorias mentais, numa representação do objeto. A contribuição platônica para uma posição fenomenológica sobre a percepção pode, para Mié, ser medida em sua crítica ao mero fenomenalismo, haja vista que os dados perceptivos dependem de seus correlatos ideais, represen-

tados nas formas e em seus possíveis entrelaçamentos. A ontologia platônica surge, para Mié, da *logicização* dos conceitos cosmológicos pré-socráticos. A teoria das idéias pode ser entendida como uma *ontologia das idéias*, dependente de uma posição filosófica que tenta esclarecer o sentido do ser por meio do *lógos*. A dialética platônica do *lógos* do ente tem como meta precípua a superação tanto da concepção eleata do imobilismo do ente quanto da conceituação sofisticado-antistênica da inexistência do falso. O *Teeteto* sinaliza as posições teóricas que deverão ser resolvidas no *Sofista* mediante a definição da comunidade dos gêneros supremos. A teoria da hipótese das idéias, discrimi-

nada nos diálogos médios, se revela como o fundamento da dialética do *lógos* do ente, minudenciada por Platão, segundo Fabián Mié, nos diálogos finais.

RODOLFO JOSÉ ROCHA RACHID
PPG Letras Clássicas
FFLCH/USP